

FIM DE UMA ERA DE VOLTA À VIDA

Com o fechamento do Adauto Botelho, pacientes resgatam a cidadania morando em residências terapêuticas após anos de isolamento

de VILMARA FERNANDES
vfernandes@redgazeta.com.br

“É amanhã”, disparou Tralalá assim que o encontramos. Sua ansiedade era visível, assim como o desejo de retomar uma vida negada por quase 20 anos de internação no Adauto Botelho. Há duas semanas seu sonho louco de viver em uma casa, bem longe do hospício, se realizou. Com ele levou apenas uma sacola, o nome de batismo – Robson José da Silva –, o amigo Juruna e uma certeza: “Não vou fugir”.

Tralalá era conhecido no hospital por suas fugas malsucedidas. Num piscar de olhos das enfermeiras ele desaparecia pelos corredores. Nunca ia muito longe, pois não tinha para onde ir. A única casa que conhecia era o Adauto. Como outros 80 pacientes, lá foi deixado para ser esquecido.

A maioria nem família possui. Com o tempo perderam todo tipo de vínculo, assim como a dignidade, a autonomia, a individualidade. Viviam perambulando por corredores e pátios, de pijama, sem brilho nos olhos, sem expectativas. “Eram corpos sem rosto”, define Simone Itaboraí, terapeuta ocupacional.

RECOMEÇO

A volta à vida dessas pessoas está sendo conquistada nas dez residências terapêuticas abertas pelo Estado. Vão ter a ajuda de cuidadores, enfermeiros, nutricionista e psicólogo. E continuarão vivendo com uma doença que não tem cura, mas cujo tratamento nunca deveria ter sido o isolamento.

Com o tempo e de acordo com as suas possibilidades, serão reinseridos na comunidade, andarão pe-



CHICO GUEDES

Luzia, com seu sorriso largo, já tem planos para suas novas idas ao supermercado: quer comprar pó compacto

las ruas, farão compras. Já conquistaram o direito a um benefício de um salário mínimo. O projeto tem o respaldo do sucesso de outras cinco casas, abertas há cerca de oito anos, onde pacientes que tinham surtos constantes já estão há anos sem ter um crise.

Para quem chegou a morar até na rua e a passar por todo tipo de abandono e maus-tratos, o conforto agora oferecido surpreende. Que o diga Arnaldo da Conceição. Ele se recusava a mudar com medo de ir morar num barraco. Aceitou apenas visitar a nova casa. Quando lá chegou se encantou com o quarto e a janela de frente para a rua. Mandou buscar suas coisas e não quer voltar nem para uma visita.

PORTAS FECHADAS

A saída deles põe fim à história do Adauto Botelho. Nem mesmo a placa com o seu nome existe mais. O espaço é ocupado agora pelo Hospital Estadual de Atenção Clínica (Heac). A nova unidade mantém leitos psiquiátricos para os pacientes em crises e surtos. Mas lá não serão mais permitidas internações de uma vida inteira.

A intenção é evitar que se repitam os casos do passado, que transformaram o hospital num depósito de recusados pela sociedade, e seu nome – Adauto –, em sinônimo de preconceito. Uma história pontuada por recolhimento de pacientes nas ruas; de uma superlotação que não era acompanhada de cama, roupas ou comida; e até por tratamentos hoje abominados, como as celas fortes, os espancamentos e eletrochoques.

Algo que os funcionários antigos lembram bem. “Era horrível. Um sofrimento que não dá para re-



CHICO GUEDES



CHICO GUEDES

Longe das grades Liberdade

Juruna (esquerda) e Tralalá já estão vivendo bem longe das grades do hospital, onde se conheceram e tornaram-se amigos inseparáveis. Com a liberdade conquistada partiram para decisões mais importantes. Uma delas foi trocar de casa. Foram morar na Serra com os antigos amigos de enfermagem.

Para Leandro Dias, grades agora só as de sua casa. O jovem que estuda na Apae, e que nunca deveria ter sido internado num hospício, já retomou sua vida, com uma agenda cheia. Visita amigos, participa de eventos, festas, estuda. Conquistou um quarto só para si numa casa em Vitória.

A15015-2

GILDO LOYOLA/ARQUIVO AG



Dinaura, a agressiva paciente que foi flagrada por nossa equipe em um superlotado corredor do Hospital Adauto Botelho em 1984, é, agora, uma doce senhora que nos recebeu em sua nova casa na Serra

BERNARDO COUTINHO



CHICO GUEDES



Expectativa

O final feliz tão desejado por Elenita Elizabete da Silva aconteceu. Já está morando em sua casa, em Vila Velha. Mas sua lista de expectativas mal começou a ser cumprida. Agora quer roupas novas, bonitas e coloridas. Quer um futuro de cores, bem diferente do passado sem vida.

CHICO GUEDES



Saudades

O hospital parou na despedida do homem que um dia foi chamado de Satanás, tamanha era sua agressividade. Geraldo Gomes deixou saudades. Hoje curte sua televisão, na sala de sua casa, em Vitória, numa vida que parece nunca ter sido diferente.

latar", conta a auxiliar de enfermagem Angela Maria Firme. Ela, que passava fome com a família no interior, aguentou todos os horrores, aos 20 anos, para não perder o emprego.

PREPARAÇÃO

A ida para as casas começou há três semanas e mudou a rotina do hospital. Logo cedo toda a equipe se envolvia na preparação dos pacientes e na arrumação das "malas" (sacolas plásticas). A saída era sempre pontuada por abraços, emoção e lágrimas escondidas.

"Vou sentir saudades deste danado", comentou o auxiliar de enfermagem Edson Fidélis. Suas atenções estavam voltadas para Geraldo Gomes, que um dia foi chamado de Satanás por conta de sua agressividade. Revolta contra o duplo exílio: fora condenado a viver no manicômio mesmo depois de ter cumprido sua "pena" no hospital de custódia — para onde são levados os doentes mentais que cometem crimes.

SUPERAÇÃO

Os temores de que não iriam se adaptar às casas vêm caindo por terra com os exemplos de superação que surgem todos os dias. Um deles vem de Bento José de Melo. Aos 57 anos, raramente falava, não gostava de ser tocado e não sorria. Vivía na solidão coletiva, sem interagir. Agora, é um falante morador de uma casa próxima à praia, na Serra.

Sua vizinha de município é Dinaura Firmino Oliveira, flagrada por nossa equipe num corredor superlotado do Adauto Botelho, em 1984. Sucessivamente abandonada pela família, não era aceita nem em sua cidade. Era agressiva a ponto de arrancar um banco de cimento do chão. Hoje é uma doce senhora que nos recebeu em sua confortável casa. Fez questão de mostrar seu quarto e a cama florida. "Tira foto", pediu.

E o que dizer de Maria Luzia Lira, de 64 anos? Com seu sorriso largo e a inseparável bolsa — onde carrega tesouros que só ela conhece —, não perdeu tempo: mal ocupou a casa, em Vitória, quis ir ao supermercado gastar os R\$ 20 que recebera de presente. Após as compras, avisou. "Na próxima vez vou comprar pó compacto".

Sua sede de viver ofusca um passado de abandono de um filho que ninguém conhece, de passagens por

um asilo interdito e até pelo Hospital Pedro Fontes — exílio dos doentes de hanseníase — sem nunca ter tido a doença.

LUGAR ERRADO

Uma experiência tão traumática quanto a de Leandro Dias, cuja família adotiva conseguiu na Justiça a sua internação. Quando o conhecemos fez questão de ressaltar: "Este não é meu lugar". E não era. Ao contrário dos demais, não deixou nada para trás. Levou cinco caixas de bagagem. Precisou da ajuda de dois enfermeiros para arrumar seus pertences no novo quarto.

Na Festa da Penha Leandro fez valer seus direitos.

“

No hospital não tinham direito a escolhas. Tudo era imposto.

Agora, podem ir à padaria, visitar amigos, viver”

—
MARIA JORGETE
BARROSO VELOSO
GERENTE DE
RESSOCIALIZAÇÃO

Participou da Romaria da Apae e depois foi almoçar na casa de um amigo. A mesma urgência de viver tem Elenita Elizabete da Silva ao exigir "roupas novas, bonitas e coloridas."

Mas o melhor exemplo de que eles agarraram com força a oportunidade que lhes foi oferecida vem de Tralalá. Há alguns dias decidiu que a casa a ele destinada não lhe agradava. Conversou sobre o assunto com o inseparável amigo Juruna, o índio Osvaldo Rodrigues, que um dia foi expulso da tribo por sua loucura.

Juntos fizeram as malas e se mudaram para Jacaraípe, perto da praia, para a casa que escolheram. Foram viver com os antigos amigos de enfermagem. Lá planejam mergulhar, pescar. Lá planejam, finalmente, poder fazer escolhas e dirigir a própria vida.

agazeta.com.br
/Cidades. Vídeo com pacientes sendo preparados para deixar o Adauto Botelho e galeria de fotos do antigo hospital.